

## A descoberta do mundo: O Ser Intemporal\*

Reinhardt Grossman  
Tradução de L. H. Marques Segundo<sup>88</sup>  
Revisão de Renato Mendes Rocha

### *A natureza da classificação*

A ontologia pergunta e tenta responder duas questões relacionadas. Quais as *categorias* do mundo? E quais são as *leis* que regem essas categorias? Na química, por comparação, procuramos pelos elementos químicos e pelas leis da química; na física, pelas partículas elementares e suas leis. As categorias são para a ontologia o que esses blocos de construção básicos são para as ciências naturais. Mas a ontologia não é uma ciência entre outras ciências. Para ver como a ontologia difere da ciência, temos de, em primeiro lugar, entender a noção de uma categoria. Nossa primeira questão é, portanto: o que é uma categoria?

Os filósofos gregos, como por exemplo, Empédocles (no século quinto a.C), desenvolveram a teoria de que tudo é composto de quatro elementos, terra, água, fogo e ar. Esses quatro tipos básicos de coisas se combinam em várias proporções para compor, por exemplo, a cadeira sobre a qual estou sentado, um cabelo em minha cabeça, e o sol que brilha fora de minha janela. Como esses elementos se distinguem um dos outros? Bem, o fogo, é claro, é quente, e a água é úmida. O que quer que seja quente, o que quer que tenha essa *propriedade* é fogo; e o que quer que seja úmido é uma porção de água. O caso do ar e da terra não é intuitivamente tão claro. Mas uma vez que esses filósofos também acreditavam que os quatro elementos formavam opostos, a resposta aceita foi a de que o ar, como o oposto da água, é seco, e que a terra, como o oposto do fogo, é fria. O que quer que agora possamos pensar sobre essa amostra rudimentar de especulação química, duas coisas sobressaem-se. Primeiramente, estamos de fato lidando com uma teoria da química, simplista como nos parece hoje. Segundo, os quatro elementos são

---

\* Capítulo 1 de *The Existence of the World: An introduction to ontology*, Routledge, 1992.

<sup>88</sup> Marques Segundo é bolsista CAPES, doutorando pela UFSC. Renato Mendes Rocha é professor na UFC

distinguidos pelas *propriedades características* que alegadamente têm: o fogo por ser quente; a água por ser úmida; o ar por ser seco; e a terra por ser fria.

A química percorreu um longo caminho desde o tempo de Empédocles. A última vez que olhei num livro de química havia 106 elementos. Esses elementos não foram distinguidos uns dos outros por propriedades como a quentura ou a umidade, mas por propriedades completamente diferentes. O hidrogênio, por exemplo, é um gás em temperaturas comuns, mas se liquefaz a baixas temperaturas; e tem certa densidade para uma dada temperatura e pressão. O *princípio* da classificação dos elementos, no entanto, é o mesmo como no tempo de Empédocles: *As coisas são distinguidas umas das outras por meio das propriedades que têm*. Chamemos isso de “o princípio de classificação”. Esse princípio não se restringe à química. Qualquer que seja a classificação de coisas individuais, sejam elas elementos químicos, partículas elementares, plantas, animais, pessoas, ou o que quer que seja, repousa em uma distinção entre essas coisas individuais por um lado, e de suas propriedades por outro. As baleias, por exemplo, são classificadas não como peixes, mas como mamíferos, por causa da propriedade de gestar seu filhote.

Alguém deve ter percebido que a base de todas as classificações de coisas individuais, nomeadamente, a distinção entre essas coisas e suas propriedades, é ela própria uma classificação. Mas é uma classificação não de *coisas individuais* – porções individuais de água ou terra, ou bocados de ouro ou ferro, ou baleias individuais ou carpas – mas de *entidades* em geral. É uma classificação de qualquer tipo de existente. Divide tudo o que há em dois amplos grupos de existentes, nomeadamente, em coisas individuais por um lado e suas propriedades por outro. Toda classificação “comum” repousa nessas propriedades. A fim de distinguir essas classificações de todas as outras, devemos falar de “categorização”. As *entidades*, como diremos, são *categorizadas*. Os tipos de coisa que a categorização distingue são então chamados “categorias”. Sabemos que há pelo menos duas categorias, isto é, dois tipos de entidades (existentes), nomeadamente, as *coisas individuais* e as *propriedades* das coisas individuais.

Certas coisas individuais – coisas muito pequenas! – são classificadas como elétrons, pósitrons, nêutrons, etc. Outras são classificadas como ferro, hidrogênio, oxigênio, etc. Outras ainda são classificadas como mamíferos, répteis, pássaros, etc. E por aí vai. Essas, como já observado, são classificações de coisas individuais por meio de suas propriedades. Mas podemos também classificar, não coisas individuais, mas coisas em geral – o que chamei de “existentes” ou “entidades” – em dois grupos de coisas individuais e propriedades de coisas individuais. A fim de distinguir essas classificações fundamentais daquelas que são construídas em cima delas, falei de uma categorização. Mas essa categorização levanta imediatamente uma importante questão: uma vez que todas as classificações repousam sobre o princípio da classificação, nossa categorização tem de repousar sobre esse princípio, e temos de perguntar: que propriedade (ou propriedades) distingue as categorias de coisa individual e propriedade de coisa individual? Como as coisas individuais em geral diferem das propriedades das coisas individuais? A essa questão, outro filósofo grego ofereceu a resposta mais surpreendente.

#### *Os dois reinos de Platão*

Platão (cerca de 427-347 a.C) fez da distinção entre as coisas individuais e suas propriedades uma pedra angular de sua filosofia. Distinguiu entre dois reinos: o reino das coisas individuais *mutáveis* e o reino das propriedades *imutáveis*. Ele não usou esses termos, mas sua perspectiva acaba por dar na mesma coisa, nomeadamente, que indivíduos são diferentes de suas propriedades pelo fato de que o primeiro, mas não o último, pode mudar. Considere uma maçã comprada ontem e guardada em minha geladeira. Há um mês ou mais ela era muito menor do que é agora. Desde então ela tem mudado seu tamanho. Mudou também sua cor: há algum tempo, quando ainda não estava madura, era verde; agora é vermelha. Temos aqui uma coisa individual mutável. Mas considere agora certa tonalidade de cor, certa tonalidade de vermelhidão que a maçã acabou por ter agora. Essa tonalidade de vermelhidão muda? Não vejo como muda ou mesmo como poderia mudar. É claro, a cor *da maçã* pode mudar: primeiro a maçã era verde, agora é vermelha. Mas essa é uma mudança na cor da maçã, não uma mudança da cor vermelha em si. Como seria para a tonalidade de cor mudar? Bem, essa tonalidade

particular de vermelho é uma cor. Tem a propriedade de ser uma cor. Para mudar, poderia trocar sua propriedade de ser uma cor por outra propriedade, assim como a maçã mudou de ser verde para ser vermelha. Por exemplo, a tonalidade de cor poderia cessar de ter essa propriedade e poderia adquirir a propriedade de ser uma forma. Tão logo que pomos deste modo, vemos que a cor talvez não pudesse mudar. Essa tonalidade de vermelho talvez não possa mudar de ser uma cor para ser uma forma.

Deixe-me citar duas passagens do *Phaedo* de Platão em que ele faz a distinção de coisas individuais e suas propriedades, e em que ele afirma que as propriedades, em distinção às coisas individuais, não mudam. O contexto da primeira passagem é este: Sócrates, que fala através de Platão, argumenta que a alma é imortal e que sabemos coisas antes de nascermos. Para construir seu exemplo, Sócrates compara coisas iguais com a propriedade da igualdade, e avança à afirmação de que a alma conhece a propriedade antes do nascimento:

Veja agora se isto é verdadeiro, continuou. Não acreditamos na existência da igualdade – não a igualdade das peças de madeira ou de pedra, mas algo além delas – da igualdade em abstrato? Deveríamos dizer que há tal coisa ou não?

De fato que sim, disse Simmias, devemos dizer mais enfaticamente.

E sabemos o que essa igualdade abstrata é?

Certamente, respondeu.

D'onde obtivemos conhecimento disso? Não foi vendo as peças iguais de madeira, e de pedras, e as demais, das quais falávamos ainda agora? Não formamos delas a ideia de igualdade abstrata, que é diferente delas? Ou pensas que não é diferente? Considere a questão desta maneira. Peças de madeira e pedra não nos parecem iguais e às vezes desiguais, apesar do fato delas permanecerem as mesmas todo o tempo?

Certamente que sim.

Mas parece-te que os iguais absolutos sejam desiguais, ou que a igualdade abstrata seja desigual?

Não, nunca Sócrates.

Então as coisas iguais, disse, não são o mesmo que a igualdade abstrata?

Não, certamente que não Sócrates? (Phaedo, 78)

O exemplo de Platão aqui é a “propriedade” da igualdade, e claramente ele distingue entre coisas iguais e “igualdade abstrata”, isto é, da *propriedade* da igualdade. Na próxima citação Platão afirma que as propriedades abstratas são imutáveis, ao passo que as coisas individuais mudam:

A igualdade absoluta, a beleza absoluta, e todas as outras existências absolutas admitem qualquer mudança? Ou a existência absoluta em cada caso, sendo essencialmente uniforme, permanece a mesma e imutável e nunca, em qualquer caso, admite qualquer tipo ou espécie de mudança?

Tem de permanecer a mesma e imutável, Sócrates, disse Cebes.

E as muitas coisas belas como homens, cavalos, roupas, e os demais, e de tudo o que compartilha os nomes de ideias, se iguais, ou belos, ou qualquer outra coisa mais? Permanecem o mesmo ou acontece exatamente o oposto com elas? Em suma, nunca permanecem o mesmo de modo algum em si mesmas ou em suas relações?

Essas coisas, disse Cebes, nunca permanecem as mesmas. (Phaedo, 78)

A fim de obter uma diferença mais fundamental entre os indivíduos mutáveis e as propriedades imutáveis temos de considerar a natureza da mudança. A maçã de nosso primeiro exemplo mudou sua cor de verde para vermelho. Isso significa que num momento foi verde, enquanto noutra momento (posterior) foi vermelho. Para uma coisa individual mudar, tem de ter diferentes propriedades em

*diferentes momentos de sua existência.* A mudança, portanto, pressupõe que uma coisa perdura no tempo, que existe no tempo, que tem uma duração. Apenas as coisas que existem no tempo podem talvez mudar. Segue-se disso que todas as coisas individuais têm de existir no tempo. Têm de ser, como direi para encurtar, *temporais*. Se uma coisa for temporal, tem de sofrer mudança? Platão parece ter pensado que sim. Ele parece ter sustentado não apenas que coisas individuais têm de ser temporais, mas também que as propriedades têm de ser atemporais. Se assim for, segue-se, então, que as propriedades são atemporais; não estão no tempo; não existem no tempo; não têm duração. Presumirei que Platão está correto: *Todas as coisas individuais são temporais, enquanto que todas as propriedades são atemporais.*

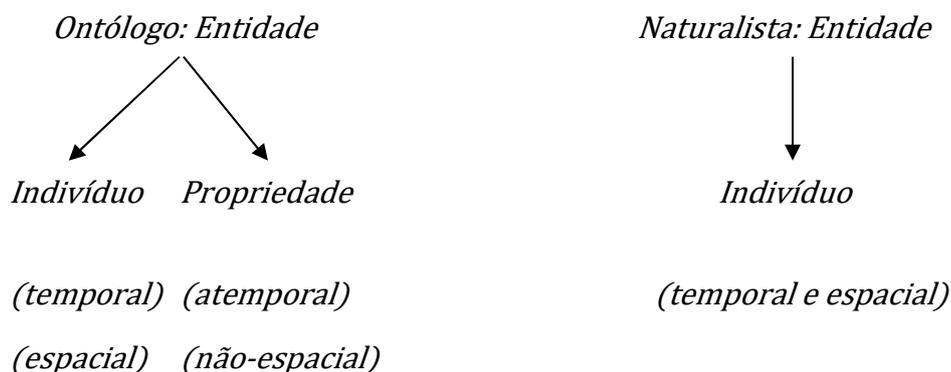
De acordo com Platão, como vimos, há dois reinos: o reino das coisas temporais, das coisas que existem no tempo, e o reino das coisas atemporais, das coisas que não existem no tempo. Ao primeiro reino pertencem as coisas individuais à nossa volta; ao segundo, suas propriedades.

A questão que naturalmente surge é a de saber se é também o caso que todas as coisas individuais que estão no *espaço* são espaciais, ao passo que todas as propriedades que não existem no tempo não são espaciais. Em outras palavras, a distinção entre coisas temporais e atemporais coincide com a distinção entre coisas espaciais e não-espaciais? A maçã, nosso exemplo de indivíduo, obviamente existe no espaço: está localizada em diferentes momentos em diferentes lugares; primeiro na árvore, três milhas ao sul de minha casa, e agora em minha geladeira, duzentas milhas a sudeste de Chicago. Tem também certas propriedades espaciais. Por exemplo, era pequena em tamanho quando estava verde e ainda crescia na árvore, enquanto que agora está muito maior. Também tem certa forma agora; é aproximadamente esférica. Em suma, num dado momento a maçã estava localizada no espaço e tinha uma forma e um tamanho. Todas as coisas individuais, no que diz respeito a isso, são como a maçã? Todas estão localizadas no espaço e todas têm forma e tamanho? Há muitos filósofos, e eu sou um deles, que acreditam que há coisas individuais que não são espaciais. Um exemplo seria um pensamento; por exemplo, o pensamento de que me esqueci de levar o meu almoço para o

escritório. Agora, esse pensamento me ocorre num dado momento; está localizado no tempo. Ocorreu cinco para o meio-dia, logo quando estava pronto para almoçar. Está localizado no tempo, mas não está no espaço. É claro que não tem forma e nem tamanho. O pensamento de que me esqueci de levar o meu almoço não é nem redondo nem quadrado. Nem tem certo comprimento ou certo diâmetro. Está localizado no espaço? Penso que não. Esse pensamento não está nem “na minha cabeça” e nem ocorre a muitas milhas ao sul de Chicago. O que está em minha cabeça propriamente dito não é meu pensamento, mas meu cérebro e tudo aquilo que se passa em meu cérebro, toda a química e todos os outros tipos de processos. Pode-se apenas se concluir que o pensamento em si está localizado “em minha cabeça” se se aceitar que o meu pensamento *é idêntico* a tudo o que acontece em meu cérebro. Mas quanto a isso há uma longa e complicada disputa filosófica. Não podemos discutir essa questão agora. Desejo apenas apontar que de acordo com alguns filósofos as coisas temporais são de dois tipos: algumas coisas, como a maçã, são espaciais, ao passo que outras, como meu pensamento, não são espaciais. Outros filósofos sustentaram que todas as coisas temporais são também espaciais e que, portanto, aquilo que é temporal coincide com o que é espacial.

Essa coincidência, com certeza, existe apenas se também assumirmos que nenhuma coisa atemporal é espacial. Penso que essa é de fato uma suposição verdadeira: *Todas as coisas atemporais são não-espaciais*. Um exemplo novamente nos ajudará a tornar essa posição clara. Considere a tonalidade da cor da maçã em minha geladeira, uma certa tonalidade de vermelho. Essa tonalidade tem um tamanho ou uma forma? Obviamente que não. A tonalidade de cor não é redonda ou quadrada, nem tem certo comprimento ou certa circunferência. A maçã, é claro, tem uma forma e um tamanho, como notamos anteriormente, mas a maçã não é a cor que a maçã tem. Por mais que seja óbvio, como penso, que a cor não tenha forma ou tamanho, não é tão óbvio assim que não esteja localizada no *espaço*. Não está “onde a maçã está”, logo ali, na geladeira? A questão de saber se as propriedades estão localizadas no espaço nos ocupará por muitas páginas. É uma das mais importantes discussões em ontologia. Por agora, devo apenas dizer que alguns filósofos, e especialmente Platão, sustentaram que todas as propriedades são não-espaciais, ao passo que outros sustentaram que são espaciais. De acordo

com o primeiro, a cor da maçã não está localizada em qualquer lugar no espaço, ao passo que de acordo como os últimos, está localizada “onde a maçã está”. De acordo com a primeira perspectiva, todas as propriedades são atemporais e não-espaciais. De acordo com a segunda, as propriedades são espaciais. Uma vez que são espaciais, têm também de ser temporais. Deixe-me fazer um diagrama dessas duas perspectivas:



Façamos um balanço. Vimos que toda classificação pressupõe uma distinção entre duas categorias, de coisa individual e de propriedade de coisa individual. Platão pensa que essas duas categorias diferem no que as coisas individuais mudam, ao passo que as propriedades não mudam. Mas isso significa que as coisas individuais são temporais, ao passo que as propriedades não são temporais. Depois consideramos o papel do espaço. Os filósofos, como de costume, diferem sobre esse ponto. Alguns acreditam que a distinção entre as coisas temporais e as coisas atemporais coincide com a distinção entre as coisas espaciais e não-espaciais. Outros acreditam que, ainda que seja verdadeiro que todas as coisas atemporais sejam também não-espaciais, algumas coisas temporais, coisas como pensamentos, são não-espaciais.

É tempo de introduzir a nossa distinção terminológica mais importante. Platão, vimos, falou de “igualdade abstrata”. Vou falar de *coisas abstratas* (entidades, existentes) em geral. Uma coisa abstrata é uma coisa que não é nem temporal nem espacial. Uma *coisa concreta*, por outro lado, é uma coisa que é temporal e/ou espacial. O “e/ou” é necessário, pois há a possibilidade de haver

coisas temporais, como pensamentos, que não são espaciais. Em termos dessa distinção a questão mais importante da ontologia é: *há coisas abstratas?*

### *O mundo versus o universo*

Passemos agora do mundo dos dois reinos de Platão ao universo físico. O universo (ou cosmo) é a totalidade de matéria e energia em existência. Consiste de todas as partículas elementares que há. Essas partículas formam todos os átomos existentes. Os átomos, por sua vez, combinam-se em moléculas, e essas moléculas compõem as coisas a nossa volta: a maçã de nosso exemplo, nossos corpos, as plantas e os animais sobre a terra, as montanhas e os rios. Mas o universo contém não apenas a terra e tudo que está nela, mas também a lua, o sol e os planetas dos sistemas solares. Há muitos sóis e sistemas planetários. Eles formam as galáxias de estrelas. Nosso sistema solar, por exemplo, é um membro da galáxia Via Láctea. E as galáxias ainda formam grandes aglomerados de galáxias. Dentre as estrelas, há as gigantes vermelhas, as supernovas, as anãs brancas, e as estrelas de nêutrons. Em suma, o universo é um todo gigantesco espaço-temporal, consistindo de partículas elementares e de todas as suas configurações. Estima-se que tem cerca de dez bilhões de anos luz de diâmetro e que existe há cerca de oito a dez bilhões de anos. É claro, penso, que o universo pertence ao reino das coisas concretas de Platão; pois é uma entidade espaço-temporal. É também claro que tudo o que pertence ao universo, que é parte do universo, é uma coisa concreta; pois é uma parte espaço-temporal do universo, e, portanto, é em si espaço-temporal. *O universo é uma coisa concreta, e também cada parte dele.*

Mas as propriedades, como presumimos na última seção, são coisas abstratas; não são espaço-temporal. Segue-se disso que não pertencem ao universo. Não são parte do universo. A tonalidade de vermelho da qual falamos, por exemplo, por incrível que pareça, não é uma parte (espaço-temporal) do universo. E o que vale para essa propriedade particular vale para todas as outras: nenhuma dessas coisas são partes do universo. Concordemos em dizer que tudo que há, que todo existente, pertença ou não ao universo, pertence ao *mundo*. Platão, ao descobrir que as propriedades são abstratas, descobriu que há coisas

que não pertencem ao universo. *Descobriu que há um mundo e não apenas um universo.*

Já no tempo de Platão, havia filósofos que tinham afirmado que não há nada mais além do universo. Argumentaram que não há tal coisa como o mundo. Sustentaram que não há coisas abstratas. Chamarei tais filósofos de “naturalistas”. Esses, com certeza, são os gigantes da citação de Platão. Por outro lado, havia também os filósofos que tinham defendido a existência de entidades abstratas. Afirmavam que o universo é apenas uma parte do mundo. O mundo, na opinião deles, é muito mais rico que o universo. *A estrutura do mundo, afirmam, é o assunto apropriado para o estudo dos filósofos, ao passo que o universo é o assunto apropriado para o estudo dos cientistas.* Chamarei esses filósofos, não surpreendentemente, de “ontólogos”. Esses, com certeza, são os deuses de Platão. Por mais de dois mil anos travou-se uma batalha intelectual sem igual na história da mente humana entre naturalistas e ontólogos. Nenhum dos lados, contudo, obteve uma vitória decisiva. Nem é de ser esperar que tal vitória ocorra no futuro. As questões são bastante complexas para uma solução definitiva. Mais importante, a batalha entre naturalistas e ontólogos é em grande parte uma batalha entre dois temperamentos. Há, por um lado, o temperamento científico que favorece uma concepção de filosofia como, na pior das hipóteses, irmã da poesia, e na melhor, subserviente da ciência. Por outro lado, há o espírito ontológico, de acordo com o qual a ontologia tem uma perspectiva completamente diferente das ciências e que oferece vislumbres de verdades que os cientistas nunca sonharam. De acordo com o naturalista, tudo o que não é científico cheira a misticismo. A ontologia não pode ser nada mais do que poesia disfarçada. Abandonar a ciência é viajar através de uma noite sem estrelas, através de uma escuridão sem luz. De acordo com o ontólogo, abandonar a ontologia é desertar um campo no qual crescem as mais fascinantes flores da verdade. Descrevo essa batalha nesses termos emocionais, pois é uma batalha emocional. Em todas essas batalhas a escolha nunca é meramente entre duas posições racionais.

A descoberta do mundo levanta a questão de saber se há ou não quaisquer outras coisas abstratas. Lembre-se do exemplo de Platão da igualdade abstrata.

Tratei a igualdade como se fosse uma propriedade, mas não é. É uma relação entre coisas. Há muitas dessas relações. Há relações espaciais: à esquerda de, entre, dentro de, etc. Há também relações temporais: mais tarde que, mais cedo que, simultâneo com, etc. Há também relações entre pessoas: pai de, tio de, esposo de, etc. E assim por diante. Mais importante, há a relação que conecta as coisas individuais com suas propriedades. Chamá-la-ei de “exemplificação”. Essa relação é representada pela cópula na frase: “A maçã é vermelha”. Em português temos os tempos verbais: “Essa maçã *foi* verde há um mês”. Mas sempre que atribuímos uma propriedade a uma coisa individual, estabelecemos que a propriedade se relacionou pela relação de exemplificação a um indivíduo. Platão, poder-se-ia notar, viu a importância da exemplificação. Sem ela seus dois reinos não formariam um único mundo unificado, antes se separariam. Sem a exemplificação o mundo de Platão se dividiria num universo e num reino de propriedades. Mas é claro, as coisas individuais do universo *têm* essas propriedades. Qual a natureza da exemplificação? Platão não poderia se decidir sobre essa questão. (Veja seu Parmênides). Nem qualquer outro poderia até mais recentemente. Mas não temos de nos desviar. O que nos interessa no momento é saber se as relações são abstratas ou não. Penso que são. Considere a relação de *estar entre* que existe entre três pontos a, b e c sob uma linha traçada. Esses pontos, agora, são coisas individuais; estão localizados no espaço (e no tempo). Mas a relação não está em lugar algum. Certamente não está onde quaisquer uns dos três pontos estejam. Nem está entre, digamos, a e b. Não está localizada no espaço. Nem está localizada no tempo: é atemporal. Concluimos, portanto, que é abstrata.

Platão, devo adicionar, tentou mostrar que não há relações. Tentou argumentar que as afirmações relacionais são realmente as propriedades das coisas. Por exemplo, o fato de Tom ser mais alto que Henry é realmente uma conjunção de dois fatos, nomeadamente, do fato de Tom ter certa altura e do fato de Henry ter certa altura. Veremos mais tarde que isso não é assim. O que quero apontar aqui é que um naturalista tem uma boa razão para seguir os passos de Platão no que diz respeito às relações. Ele tentará “reduzir” as relações às propriedades, e então tentará mostrar que as propriedades não são abstratas.

Já falei do *fato* de Tom ter certa altura. São os fatos concretos ou são abstratos? Bem, há muitos tipos de fatos. Considere o fato de que a maçã de nosso exemplo é vermelha num certo tempo  $t$ . Onde está o fato? Um naturalista pode querer dizer que está onde a maçã está, mas isso seria insincero. Equivaleria a nada mais do que o acordo arbitrário em localizar um fato onde quer que a coisa individual do fato esteja posta. Ademais, há fatos de outras coisas além das coisas individuais. É um fato, por exemplo, que o azul escuro é mais escuro que o amarelo limão. Nesse caso, o naturalista tem de descobrir uma localização para essas tonalidades de cor antes de poder invocar a regra já mencionada. Há, contudo, fatos sobre relações, por exemplo, o fato de a relação de ser esposo de alguém ser simétrica: se existe entre  $a$  e  $b$ , então também existe entre  $b$  e  $a$ . (A relação de ser pai de alguém, por comparação, não é simétrica; é assimétrica). Onde está a relação de ser esposo? De estar a vinte milhas de Chicago? De estar sobre a lua. O naturalista terá de afirmar que está em algum lugar próximo onde os seres humanos estão. Mas e o fato de dois mais dois ser quatro. Certamente que esse fato não depende dos seres humanos. A relação de soma existe entre quatro, dois e dois, “na lua” tanto quanto “na terra”.

Se as relações e os fatos são abstratos, como argumentei brevemente, então não pertencem ao universo, mas pertencem ao mundo, e o mundo é ainda “maior” do que podemos ter pensado no início. Contém não apenas propriedades, mas relações e fatos também. O universo, é claro, contém muitos diferentes *tipos de indivíduos*, de partículas elementares a galáxias, e a ciência está interessada em todas elas. O mundo, por outro lado, é o repositório dos *tipos de existentes*, e como já vimos há pelo menos três desses tipos: as propriedades, as relações e os fatos. E essas nem são todas, como veremos mais tarde. Há, em adição, os números, os conjuntos e as estruturas (totalidades).

#### *Um sobre muitos*

Há outro modo de se olhar para a descoberta de Platão do mundo. Nele, também, as propriedades são contrastadas com as coisas individuais. O que as torna especiais, no entanto, não é por serem atemporais, mas por pertencerem a muitas coisas individuais. Vários indivíduos podem *compartilhar* a mesma

propriedade. Considere duas bolas de bilhar brancas. Chame-as de A e B. Essas são *duas* coisas individuais, mas sua cor, sua tonalidade de branco, é a mesma: elas compartilham *uma* tonalidade de cor. E uma vez que as bolas têm a mesma forma, há também apenas uma forma: ambas as bolas são esféricas. A propriedade da brancura é uma sobre muitos. É um *universal*. As bolas de bilhar individuais, por outro lado, são chamadas *particulares*.

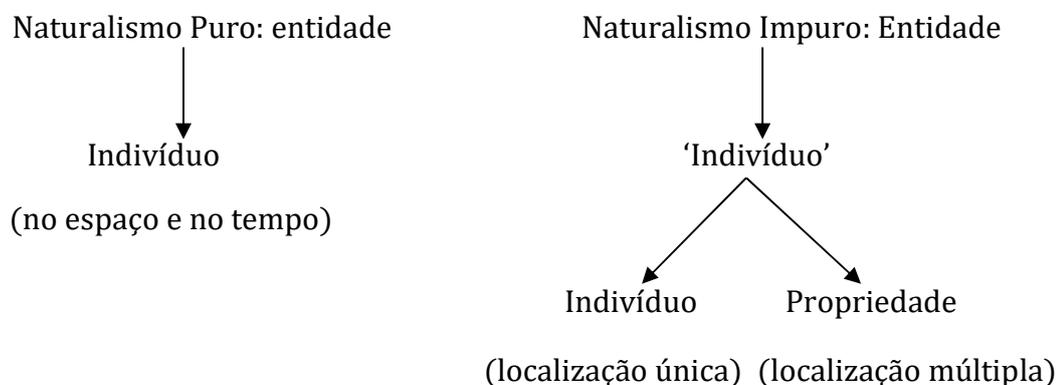
Às vezes, a distinção entre universais e particulares é introduzida em termos de tipos e espécimes. Veja as seguintes palavras: vermelho, vermelho. Aqui você vê dois espécimes do mesmo tipo, nomeadamente, da palavra “vermelho”. A palavra realmente é, como se pode ver, de certa forma complicada, e qualquer inscrição particular como essa forma é um espécime do tipo “vermelho”. Nesse caso, a forma é a propriedade na qual todos os espécimes dos tipos “vermelho” compartilham. De maneira resumida, os tipos são os universais e os espécimes são os particulares do mesmo tipo.

A brancura das duas bolas de bilhar é literalmente a mesma? Há apenas uma entidade que é exemplificada por ambas as bolas? Ou cada bola tem sua própria brancura? Esse é o chamado problema dos universais. Em nosso exemplo da palavra “vermelho”, a questão crucial é esta: a forma de uma inscrição de “vermelho” é a mesma forma que a da outra? Os filósofos que acreditam que a cor da bola de bilhar A é a mesma que a da bola de bilhar B são chamados de *realistas*. Os que negam isso são chamados de *nominalistas*.

Podemos e temos de distinguir entre estas duas questões completamente diferentes embora intimamente relacionadas: (i) as propriedades são abstratas? e (ii) as propriedades são universais? Como expliquei, a primeira questão é: estão as propriedades localizadas no espaço e no tempo? A segunda é completamente diferente: pode uma e a mesma propriedade ser uma propriedade de várias coisas? Parece, agora, que ser um naturalista não ajuda, mas antes um nominalista. Pois se a cor branca está localizada no espaço, por exemplo, então não pode ser a mesma para as duas bolas de bilhar. Cada bola tem de ter sua própria brancura. A bola A é branco<sub>1</sub> e a bola B é branco<sub>2</sub>; e o branco<sub>1</sub> está localizado num lugar, onde A está, ao passo que o branco<sub>2</sub> está localizado noutra lugar, onde B está. Mas essa impressão

está errada: um naturalista pode ser um realista, pois pode sustentar que há coisas que, apesar de estarem localizadas no espaço, podem existir simultaneamente em muitos lugares diferentes. De acordo com essa alternativa, A tem a mesma brancura que B. Não existem duas brancuras. Mas essa uma e única brancura está, não obstante, localizada no espaço: existe simultaneamente onde A está e também onde B está (e também onde outros indivíduos dessa tonalidade de cor estão).

De acordo com essa perspectiva as propriedades estão localizadas no espaço e no tempo. São concretas. Não existe algo além do universo. Porém o padrão monolítico do naturalismo é quebrado: mesmo apesar de tudo que há ser um indivíduo em nosso sentido definido, há, contudo, dois tipos de indivíduos, nomeadamente, aqueles que podem apenas existir num lugar e num tempo e aqueles que podem ter múltiplas localizações ao mesmo tempo. Os primeiros são as “coisas individuais” de nosso entendimento comum, as últimas são as propriedades. O padrão é quebrado, eu disse, porque admitir que há coisas que possam existir em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo é admitir uma categoria de coisas completamente distintas dos indivíduos comuns de nossa experiência comum. Seja como for, aprendemos que há pelo menos dois tipos de naturalismo, nomeadamente, o naturalismo puro e o naturalismo impuro. O primeiro é uma combinação do naturalismo com o nominalismo, ao passo que o último consiste do naturalismo conjunto com o realismo. Eis dois diagramas para essas duas perspectivas:



O que separa o naturalismo puro do impuro é uma suposição fundamental. Uma vez que essa suposição é muito importante, vou lhe dar um nome e chamá-lo “o axioma da localização”:

Nenhuma entidade que seja pode existir em diferentes lugares ao mesmo tempo ou em intervalos de tempo interruptos.

O naturalismo impuro é imposto ao naturalismo por causa do debate nominalismo-realismo. Um naturalista que percebe que o nominalismo é insustentável não tem escolha, além de oferecer o axioma da localização e, portanto, adotar o naturalismo impuro. Essa é a conexão essencial entre o debate nominalismo-realismo, por um lado, e a disputa naturalismo-ontologismo, por outro: uma refutação do nominalismo ou conduz a um colapso do naturalismo ou a um abandono do axioma da localização. Isso mostra o quão importante é o debate nominalismo-realismo para o naturalista e para o ontólogo. Um naturalista pode bem acreditar que renunciar ao axioma da localização é renunciar à sua concepção de universo. Ele, portanto, defenderá o nominalismo com toda a sua força. O ontólogo, por outro lado, ao perceber a conexão íntima entre os dois debates, atacará a posição do naturalista, não diretamente, mas em seu ponto mais vulnerável, atacando o nominalismo.